

Realidade Aumentada - um instrumento de mediação para valorização do patrimônio cultural da cidade de Belém-PA

Mariana Sampaio

Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco - Recife, PE – Brasil. Professora do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará – Belém, PA – Brasil.
E-mail: marianabsampaio@yahoo.com.br

Resumo

Seleção, sistematização e tratamento de conteúdos digitais – textos, fotos e vídeos - sobre o Centro Histórico de Belém – PA, envolvendo a obra do arquiteto Antonio Landi, para fins de futuro desenvolvimento de aplicativo de realidade aumentada (RA) para dispositivos móveis. O recorte escolhido para desenvolvimento de roteiro para aplicação de RA foi a área do complexo Feliz Lusitânia, tendo como pontos de observação o Forte do Castelo e a Praça Frei Caetano Brandão, e os seguintes locais de interesse: Museu do Forte do Castelo, complexo do Ver-o-Peso, Praça Dom Frei Caetano Brandão, Casa das 11 janelas e Igreja da Sé. O critério para escolha das imagens está associado à carga informacional que cada imagem carrega para contar um fragmento da história de Belém. Foram selecionadas 22 imagens, três vídeos e seis áudios.

Palavras-chave

Realidade Aumentada. Patrimônio Cultural. Ensino e Aprendizagem. Cidades.

Realidade Aumentada - um instrumento de mediação para valorização do Patrimônio Cultural da cidade de Belém-PA

Enlarged reality: an instrument of mediation for assessing the Cultural Patrimony of the City of Belém-PA

Abstract

The objective of this article is to study the selection, organization and processing of digital content - text, photos and videos - on the Historic Centre of Belém, Pará related to the work of the architect Antonio Landi, for the future development of an applicative for augmented reality (AR) for mobile devices. The chosen area includes the Feliz Lusitania complex, with the Forte do Castelo and the Praça Frei Caetano Brandão as the observation points, and the following points of interest: Museu do Forte do Castelo, Ver-o-Peso complex, Praça Dom Frei Caetano Brandão, Casa das 11 Janelas and the Igreja da Sé. The criterion for the selection of images is based on the information weight that each image presents in describin a fragment of the story of Belém. The selection includes 22 images, three videos and six audio files.

Keywords

Augmented reality. Cultural patrimony. Teaching and learning. Cities.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento de atividades desenvolvidas no âmbito de projeto conjunto entre o Ibict e a Universidade Federal do Pará (UFPA), mediante acordo de cooperação técnica assinado em 2012. A execução do Projeto de Realidade Aumentada, com a UFPA, conta com o acervo digital do Fórum Landi (<http://www.forumlandi.ufpa.br>), resultado de pesquisas acadêmicas sobre História da Amazônia no século XVIII, em seus múltiplos aspectos, relações geográficas, continuidades e rupturas com períodos antecedentes e posteriores, cujos conteúdos estão sendo organizados no sistema DSpace, com apoio técnico do Ibict. O projeto envolve, portanto, a sistematização e o tratamento de conteúdos digitais com desenvolvimento paralelo de tecnologias de RA para dispositivos móveis, que é objeto da colaboração de professores e alunos da UFPA, integrantes de grupo de pesquisa do CNPq, e do Centro Universitário do Estado do Pará (Cesupa), dedicado ao tema de realidade aumentada.

A motivação para publicação deste artigo situa-se como necessidade de compartilhamento da experiência que está sendo realizada no Centro Histórico de Belém-PA, projeto em cooperação entre Ibict/Unesco¹, UFPA/Fórum Landi², usando a realidade aumentada como um instrumento de construção de narrativas sobre a história da cidade de Belém, mais ainda, como um instrumento de mediação entre o público e a história de Belém.

Conforme definido no projeto básico³, o piloto foi concebido em três eixos de ação: a) identificação de fontes e organização dos conteúdos em repositório de informação (Dspace); b) adequação dos conteúdos para difusão em dispositivos móveis; estudo e desenvolvimento de tecnologias de informação (TIC) com foco na exploração das possibilidades criativas, educativas e produtivas da Realidade Aumentada. O estudo e desenvolvimento de TICs para dispositivos móveis, na área ainda experimental da realidade aumentada, possibilita agregar inovação tecnológica à produção de conteúdos, em especial os de referência cultural urbana. O trabalho sobre o acervo documental do Fórum Landi está associado ao patrimônio edificado da cidade de Belém e à região amazônica, e constitui o eixo prático-operativo do projeto. O teste do aparato tecnológico para RA será articulado a dinâmicas de ensino-aprendizagem” (TAVARES; PEREIRA; GASPAS, 2012, p.2)

Considerando o desenvolvimento de um aplicativo para divulgação do acervo da Biblioteca Landi, os conteúdos compostos por fotos, vídeos, mapas e documentos estão sendo preparados para serem acessados via web e dispositivos móveis (smartphones e tablets) em roteiro de visitaçao a monumentos do Centro Histórico de Belém. Participaram deste estudo: Virgínia Lúcia Guerreiro Diniz (arquiteta do Forum Landi), Consultora Unesco; Geisa Ferreira da Silva Dias (bibliotecária), responsável pela catalogação no formato DSpace, sob orientação de Maria de Nazaré Freitas Pereira e Marcos Novaes, da equipe Mapa da Inclusão Digital / Ibict. A equipe do Dspace na UFPA, coordenada por Ana Léa N. Matos, com o apoio técnico da Biblioteca Central, contou com a participação de Renata de Paula, Marina Martinelli e Sílvia Pereira (estagiárias), responsáveis pela coleta, organização e armazenamento dos dados do Landi e Centro Histórico; tendo Rodrigo Shirakawa (estagiário – aluno de engenharia da computação da UFPA), responsável pela instalação da ferramenta DSpace.

¹ Este projeto foi concebido no âmbito da Coordenação Geral de Pesquisa e Desenvolvimento de Novos Produtos do IBICT, a cargo de Cecília Leite e coordenação técnica de Anaiza C. Gaspar.

² O Fórum Landi é uma organização sediada na Universidade Federal do Pará (UFPA) vinculada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. O Fórum, sob coordenação de Flávio Nassar, professor de Relações Internacionais da UFPA, é formado por pesquisadores, professores e alunos interessados na História da Amazônia no século XVIII, em seus múltiplos aspectos, relações geográficas, continuidades e rupturas com períodos antecedentes e posteriores.

³ TAVARES, Maria de Fátima Duarte; GASPAS, Anaiza Caminha; PEREIRA, Maria Nazaré. Projeto sobre estudo e desenvolvimento de tecnologias de Realidade Aumentada (RA) para divulgação de conteúdos técnico-científicos e histórico-urbanísticos. Brasília: IBICT, 2012.

O projeto piloto está sendo desenvolvido com o entrelaçamento da equipe de conteúdo e da equipe de TI, envolvendo professores e alunos de duas instituições de ensino. Compõe-se de Marcos Venícios Conceição Araújo, do Centro Universitário do Estado do Pará (Cesupa) e Bianchi Serique Meiguins (UFPA), de alunos de mestrado de ambas as instituições, e Antonio Claudio Costa Alfonso, com experiência em desenvolvimento de produtos em RA, e também responsável pela adequação multimídia dos áudios, vídeos, textos, imagens e imagens gráficas para uso em dispositivo móvel. Para a articulação entre as equipes e apoio logístico, o projeto conta ainda com a participação de Marcelo Lima Barretto, coordenador do projeto UFPA 2.0.

O trabalho da equipe de conteúdo foi planejado em três etapas: 1) Definição de conteúdo com textos, fotos e vídeos para o circuito no Centro Histórico de Belém; 2) Desenvolvimento de metodologia de ensino-aprendizagem para uso de conteúdos de multimídia em realidade aumentada, em que se optou por usar as estratégias da Educação Patrimonial⁴; 3) Elaboração de indicadores para

4 A educação patrimonial surge no cenário nacional por volta dos anos 90, como metodologia empregada para valorização do patrimônio cultural, em que o Guia Básico de Educação Patrimonial, publicação emblemática sobre o tema, descreve educação patrimonial como: [...] um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. [...] Tal definição serve como ponto de partida, mas é necessário ressaltar que outros educadores já indicavam a necessidade de considerar a cultura e as histórias sociais como pilares dos processos de educação. Assim, a educação patrimonial deve ser entendida como uma estratégia cujo objetivo maior é valorizar as referências culturais dos lugares e seus moradores, estabelecendo um processo de identificação-conhecimento-apropriação desses “bens” culturais. Identificar o que deve ser alvo de uma ação, conhecer o objeto a ser valorizado e “contar a história” desse objeto para que ele venha a ser valorizado. Contudo, “contar a história” do objeto para que venha a ser valorizado é uma utopia, pois não basta apenas apresentar a história do objeto ao longo do tempo para que o público imediatamente venha a apropriar-se e valorizar o bem. É necessário construir narrativas sobre o objeto que criem laços de afeto com o

avaliação dos resultados da aplicação da educação patrimonial no uso do aplicativo de RA e na disseminação de conteúdos técnico-científicos e histórico-urbanísticos.

Neste artigo será exposta a primeira etapa do trabalho, apresentando a construção do conteúdo e elaboração de narrativas a serem disponibilizadas no aplicativo em realidade aumentada.

METODOLOGIA PARA DEFINIÇÃO DO ROTEIRO DO CIRCUITO NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM

São espaços urbanos: o pórtico da basílica, o pátio e as galerias do palácio público, o interior da igreja. Também são espaço urbano os ambientes das casas particulares; e o retábulo sobre o altar da igreja, a decoração do quarto de dormir ou a sala de jantar, até o tipo de roupa e de adornos com que as pessoas andam, representam seu papel na dimensão cênica da cidade. (ARGAN, 1998, p. 2-3)

A demarcação do recorte da cidade definido como roteiro a ser utilizado no desenvolvimento do aplicativo foi realizado em função do potencial informativo e do valor simbólico do espaço construído. Sob esse critério, foi escolhido o núcleo de nascimento e formação da cidade de Belém, inserido na área tombada em âmbito municipal e federal como Centro Histórico de Belém⁵.

Os centros históricos são estruturas urbanas imbuídas de uma rede de relações que compreendem o espaço concreto e simbólico. Nesses lugares ficam registrados, através das práticas organizadoras, os diversos tempos vividos pela cidade e seus moradores. Justamente pelo fato de estarem

receptor da ação. Nesse contexto, a “Educação para o Patrimônio” corresponde a uma forma de mediação entre os bens culturais e seus detentores. (HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz, 1999)

5 O Centro Histórico de Belém é tombado pela Lei Municipal nº 7.709/94, de 18 de maio de 1994. No ano de 2012 recebeu tombamento federal.

sobrepostos diversos momentos históricos que definem tempos distintos, com realidades passadas e presentes, esses lugares são grandes repositórios de memória das cidades e por isso devem ter sua existência assegurada.

À medida que as cidades perdem espaços que retratam momentos pretéritos, perdem-se as conexões entre passado e presente, e perde-se ainda a possibilidade de permitir que sua população compreenda sua própria história, comprometendo a possibilidade de refletir o futuro.

Para a conservação dessas áreas é necessário um olhar que as considere além de sua dimensão concreta, reconhecendo seu simbolismo, pois se referem à memória e à identidade de uma comunidade, portanto, são áreas plenas de valor simbólico.

Importante alertar que “centro histórico” não é um espaço de oposição a lugares “não históricos”, pois se queremos conservar a cidade como instituição, não podemos admitir que ela dispusesse de uma parte histórica e outra não-histórica. Assim, designar essa área da cidade como “centro histórico” não significa afirmar que as outras áreas da cidade não são históricas, pois cada fragmento da cidade possui um tempo próprio que descreve um momento particular.

Feita essa ressalva, o lugar escolhido para o roteiro de RA é o ponto de fundação da cidade de Belém, que compreende o Forte do Castelo e a Praça Frei Caetano Brandão com os monumentos dispostos ao seu redor.

Durante a primeira década do século XXI, essa área começou a receber intervenções no patrimônio edificado com o objetivo de restaurar



Fig. 1 - Delimitação do Centro Histórico de Belém e delimitação da área do circuito do projeto RA

o valor simbólico do lugar. Alguns monumentos receberam novos usos, abrigando museus de arqueologia, artesana e arte contemporânea. A partir daí o lugar ficou conhecido como

Complexo Feliz Lusitânia, reiterando para a cidade o papel de berço da fundação de Belém. Nesse espaço existem sobreposições de cultura material dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX

e XXI, e até mesmo do período pré-contato com o homem europeu, configurando uma sobreposição de tempos, histórias, práticas sociais e sentidos de lugar.

Para estabelecer um roteiro e selecionar imagens que consigam contar a história desse lugar e a história de Belém, é necessário ter em mente que será construído um discurso sobre esse lugar. Mas que discurso deverá se estabelecer?

Sendo os centros históricos produtos de um processo cultural por que passam as cidades ao longo de sua evolução, apreendê-lo em sua totalidade significa considerar suas dimensões concreta e simbólica. Logo, não é apenas descrever a arquitetura e sim usar a arquitetura para apresentar narrativas de contextos culturais e sociais que se sucederam no tempo. Não é somente mostrar fortes, prisões, museus ou igrejas, e sim contextualizá-los no processo de atribuição de sentidos pelos grupos que deles se apropriaram ao longo dos tempos. Portanto, será contada a história social do lugar, privilegiando a história das sociedades que ali viveram ao longo dos séculos.

O significado de um lugar está associado aos usos e práticas sociais que lhe dão sentido ao longo do tempo. Entretanto, usos, costumes e práticas sociais mudam com o tempo. Assim, é muito importante apreender a maneira como os grupos sociais se apropriaram do lugar em diferentes contextos históricos para entender o sentido dos monumentos e as narrativas que sobre eles são elaboradas.

Lugares são bens simbólicos e precisam ser apreendidos enquanto estrutura material e estrutura simbólica. Se o símbolo⁶ possui capacidade de ter vários significados, um bem simbólico é dotado da mesma capacidade. Logo, no que diz respeito à apropriação dos bens simbólicos, é necessário considerar que eles possuem diferentes níveis de significações. Em uma

camada primária, podemos penetrar com base em nossa experiência existencial, apreendendo as propriedades mais visíveis, como forma e cor, enquanto para ter acesso à camada secundária de sentidos é necessário um conhecimento específico.

Nesse contexto, os monumentos que vistos por um estudante ou turista sem um conhecimento prévio poderiam apenas identificar igrejas antigas pintadas de branco, com o recurso da realidade aumentada passam a oferecer novas informações sobre o lugar e os monumentos, construindo um novo olhar sobre o bem cultural e manifestando novas formas de apropriações sobre o bem.

É fato que bens simbólicos apresentam níveis hierárquicos de sentido. Logo, o consumo dos bens simbólicos está restrito aos detentores do código necessário para decifrá-los, gerando desigualdades na apropriação desses bens. Assim, a realidade aumentada pode contribuir para ampliar e democratizar o acesso ao conhecimento sobre a história do lugar em recorte, servindo para entender o início do processo de construção da cidade de Belém.

Tratando-se de centros históricos, o significado atribuído a esse bem simbólico depende diretamente do capital cognitivo de cada indivíduo que o apreende, visto que:

[...] o legado de bens culturais acumulados e transmitidos pelas gerações anteriores pertence realmente (embora seja formalmente oferecido a todos) aos que detêm os meios para dele se apropriarem, quer dizer, que os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos como tais por aqueles que detêm o código para decifrá-los. Em outros termos, a apropriação destes bens supõe a posse prévia dos instrumentos de apropriação. (BOURDIEU, 2001, p. 297)

Todo objeto pode possuir valor simbólico, e “[...] sua percepção é eminentemente pessoal” (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2001, p. 15), pois é influenciada por diferenciações culturais e sociais, revelando variações consideráveis de sentido. Um dos traços característicos do símbolo

6 Em sua origem, o símbolo - symbolom - é um objeto dividido em dois fragmentos, duas ideias em separação evocando uma comunidade e para entender o símbolo é necessário que haja as duas metades: o signo e o significado. O signo é apenas um sinal, uma imagem sem requisitar profunda atividade intelectual. O significado é um processo de atribuição de sentido ao signo. O signo é sempre um objeto presente, e o significado um objeto ausente. Assim, simbolizar é elaborar uma ideia sobre determinado fato (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2001).

é a simultaneidade dos sentidos que revela, pois cada indivíduo apreenderá o significado de um signo de acordo com sua vivência, por isso uma das funções principais do símbolo é a revelação existencial do homem a si mesmo, revelando toda sua experiência pessoal e social.

Um símbolo só existe em função de determinada pessoa, ou de uma coletividade cujos membros se identifiquem de modo tal que constituam um único centro. Todo universo articula-se em torno desse núcleo. Essa é a razão pela qual os símbolos mais sagrados para uns são apenas objetos profanos para outros: o que revela a profunda diversidade de suas concepções [...] (CHEVALIER; CHEERBRANT, p. 25).

Outra contribuição para entender a produção de bens simbólicos vem de Certeau (1994), que reflete sobre as operações realizadas pelos usuários dos produtos culturais, ou seja, analisa as práticas cotidianas dos consumidores de produtos culturais. O autor enfoca o homem ordinário⁷ e suas práticas cotidianas, investigando a maneira como esse sujeito se apropria dos bens culturais oferecidos pelo sistema, onde apenas a presença e a circulação de uma representação não indicam de forma alguma o que ela realmente significa para os sujeitos. É necessário analisar sua manipulação pelos usuários que não a fabricaram, investigando os processos de sua utilização e apropriação. É investigando as práticas, ou seja, as “maneiras de fazer” que formam a contrapartida dos consumidores, que se pode apreender os sentidos atribuídos aos bens simbólicos.

Certeau refletiu que a produção cultural realizada pelos produtores-dominadores, quando absorvida pelos consumidores-dominados passa a ser reinventada. A “produção” é vista pelo autor como um processo racionalizado, expansionista e centralizado enquanto o “consumo” é visto como um processo disperso, silencioso e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos culturais. O autor acredita que um objeto para ser apreendido

em seu significado não pode ser separado de seu discurso, pois tal separação implica a criação de uma ficção sobre o objeto, separando-o de sua rede de relações. Portanto, entre o produto e o uso que se faz dele existe uma grande distância.

Se todo objeto pode possuir valor simbólico, então a cidade com sua complexidade de paisagens repletas de construções torna-se um conglomerado de signos em busca de significado. A cidade em sua dimensão simbólica deve ser apreendida enquanto sistema de informação e comunicação e, portanto, de transmissão cultural, em que cada lugar da cidade conta uma história única com sua dinâmica social própria, relatando o cotidiano de determinada comunidade em determinado tempo. Essa história fica escrita nos espaços edificados e na rede de relações que ficam interligadas a esses espaços, representando os valores de determinado sistema social. Por ser o lugar de maior representação da memória e identidade da cidade, visto que é onde fica condensada a maior carga de tempo e conseqüentemente informação, o centro histórico torna-se o lugar de maior simbolismo para a cidade.

Visitar o centro histórico de uma cidade é consumir um bem simbólico. Implementar o uso de RA no Centro Histórico de Belém é estimular o aumento do consumo de bens simbólicos. Portanto, é importante refletir sobre o conteúdo das informações que serão geradas sobre esse lugar e perceber as formas de apropriação desse conteúdo, a fim de verificar os processos de elaboração das informações apresentadas ao público. Somente com o retorno do público é possível avaliar o sucesso desta empreita.

MAPA DO CIRCUITO NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM

O recorte escolhido para desenvolvimento de roteiro para aplicação de RA foi a área do complexo Feliz Lusitânia, tendo como pontos de observação o Forte do Castelo e a Praça Frei Caetano Brandão, e como pontos de interesse, o Museu do Forte do Castelo, o complexo do Ver-o-Peso, a Praça Dom Frei Caetano Brandão, Casa das 11 janelas e Igreja da Sé.

⁷ Certeau descreve o homem ordinário como uma figura que representa o sensocomum, descrito na seguinte frase: “Não sei nada de sério, sou como todo mundo”.

Ponto de Observação 1 no Forte do Castelo – Esse ponto foi escolhido para início do roteiro por representar o começo da história de Belém e ser um lugar de grande simbolismo para a cidade. Foi nesse local que os fundadores da cidade aportaram pela primeira vez em 1616 e iniciaram a empreitada de edificar a presença portuguesa no norte do Brasil, servindo como ponto estratégico na defesa da Amazônia contra as invasões estrangeiras. Inicialmente a fortaleza foi construída em madeira e chamada de “Presépio de Belém”, abrigando os primeiros portugueses e a primeira igreja do Pará, dedicada a Nossa Senhora da Graça.

Nesse ponto será apresentado em RA o contexto da fundação da cidade e o contexto do Ver-o-peso com imagens e textos que traduzem a

essência desse lugar, que por sua vez representa a síntese da Amazônia.

Ponto de Observação 2 na Praça Frei Caetano Brandão - A praça e os monumentos que configuram sua paisagem é o lugar do Centro Histórico que recebeu os maiores investimentos em requalificação do Patrimônio Cultural da cidade. Ao redor da praça existem quatro monumentos integralmente restaurados: o Forte do Castelo, a Casa das 11 Janelas, a Igreja da Sé e o Complexo de Santo Alexandre. Diversas manifestações culturais da cidade, como o Círio e o Arrastão da Pavulagem, acontecem nesse local. Atualmente é o lugar mais visitado da cidade, junto com a Estação das Docas.

Nesse ponto serão apresentadas em RA a Casa das 11 Janelas, Igreja da Sé e o Complexo de Santo Alexandre.

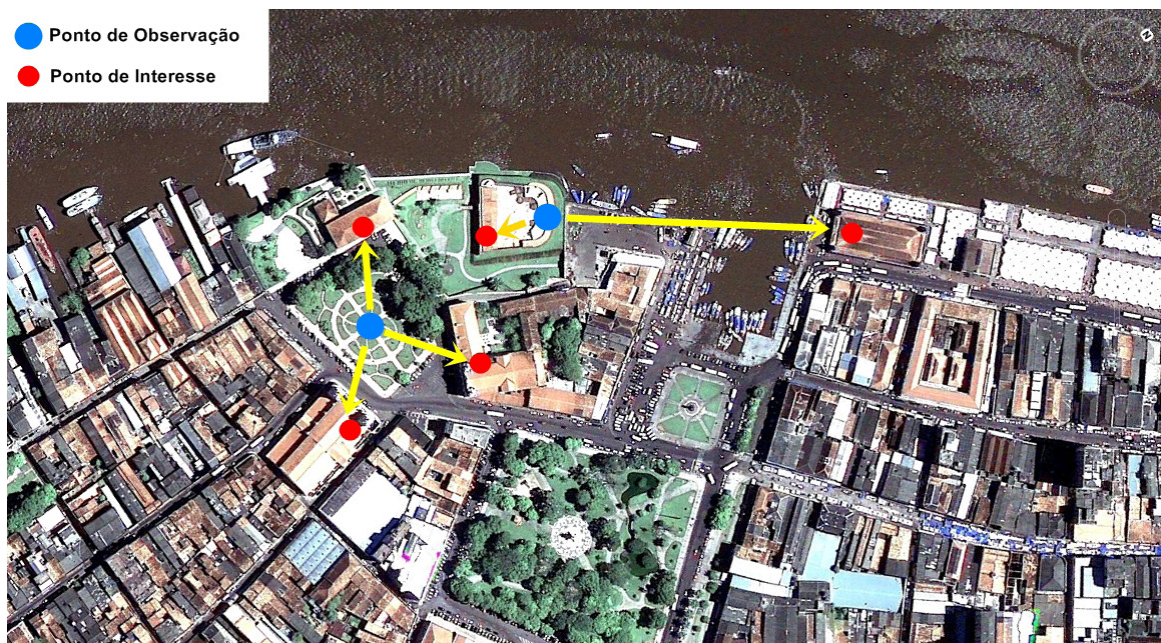


Fig. 2 - Área de atuação do projeto RA

CRITÉRIOS DE ESCOLHA DAS IMAGENS E VÍDEOS PARA CONTEÚDO DE RA E ELABORAÇÃO DE TEXTOS.

O critério para escolha das imagens selecionadas para o circuito da RA está associado à carga informacional que cada imagem carrega para contar um fragmento

da História de Belém. Logo, cada imagem selecionada é plena de sentidos associados, num desdobramento de significações, em que é importante ter em mente que as imagens escolhidas terão um receptor e estarão associadas ao imaginário deste receptor, posto que, em geral, as imagens estão associadas a toda ordem de volubilidades, inconstâncias e fugacidades.

Observar uma imagem é fazer-lhe perguntas. Contudo, além de cada sujeito e cada coletividade terem formas específicas de percepção, cada área de formação também tem perguntas específicas a fazer. Para o historiador a imagem é o documento de um tempo, no qual é importante saber quem fez, quando fez, qual a técnica e o material utilizados. Para o semiólogo, o que interessa é o sentido da imagem. Aquilo que o autor quis exprimir a partir dos símbolos que selecionou (GERVEREAU, p.43). Sob esse entendimento foi estabelecido o critério de escolha do conteúdo.

CONTEÚDO SELECIONADO

O aplicativo disponibiliza em Realidade Aumentada 22 imagens, 3 vídeos e 6 áudios.

Ponto de observação: usuário posicionado na área aberta do Forte do Castelo

Ponto de interesse: Museu do Forte do Castelo



THEODORO BRAGA: A fundação da cidade de N. Sra. de Belém do Pará, 1908. Óleo sobre tela, 226 x 510 cm. Belém, Museu de Arte.

Fig. 3 . Tela de Theodoro Braga

1º AUDIO

Em 1500 teve início o processo de colonização do Brasil, deixando a região Norte praticamente isolada durante o século XVI. Somente em 1615, já no século XVII, quando os franceses foram expulsos do Maranhão, o governador geral do Brasil – Gaspar de Souza - decidiu com urgência colonizar as terras do Pará, enviando uma missão comandada por Francisco Caldeira Castelo Branco para fundar uma capitania ao Norte e expulsar os franceses que estavam vindo pra cá. Assim, em janeiro de 1616, Castelo Branco desembarcou aqui construindo a primeira fortificação no rio Amazonas para ocupar e defender o território da região Norte do Brasil.

Imaginando como teria sido esse momento, Theodoro Braga pintou a tela “A fundação da cidade de N.ª. Senhora de Belém do Pará” em 1908, onde podemos observar: 1) à direita a chegada das embarcações trazendo os portugueses e os índios desconfiados observavam a chegada dos colonizadores. 2) ao centro, os portugueses e um padre planejam a construção da cidade. 3) à esquerda, o início da construção do Forte do Castelo. Na visão do artista no início do século XX, a fundação da cidade acontece de forma harmônica, com índios pacíficos e até cooperando com os conquistadores.

2º AUDIO

É muito importante lembrar que antes da chegada dos europeus, diversos povos já habitavam a Amazônia há pelo menos 11.000 anos. Vivendo em sociedades complexas, realizando trocas de conhecimentos com povos de outras regiões, conhecendo planta, animais e desenvolvendo **técnicas de manejo da natureza** que contribuíram para a sociobiodiversidade encontrada hoje na Amazônia.

Assim, o conhecimento da natureza que o homem amazônico detém hoje é produto de um sistema de acumulação e transmissão de informações num processo contínuo, que vêm desde os primeiros povos que ocuparam a região, fundindo-se com os conhecimentos trazidos pelas levas de migrações que chegam até hoje.

O **Museu do Encontro**, dentro do Forte, propõe refletir sobre os povos que habitaram a Amazônia em diversos momentos. Em seu acervo são exibidos artefatos da cultura material das tradições marajoara e tapajônica e ainda vestígios arqueológicos encontrados durante a obra de restauro do Forte onde fica evidenciada a presença dos portugueses.



Fig. 4 – Mapa de 1640

3º ÁUDIO:

Em 7 de janeiro de 1619, os Tupinambás foram derrotados e os soldados-colonos portugueses começaram a melhorar suas habitações afastando-se do forte, abrindo ruas e derrubando a floresta que os cercava. Assim iniciou-se a construção do primeiro bairro da cidade no entorno do forte, denominado “Cidade” e posteriormente chamado de “Cidade Velha”. Inicialmente essas primeiras ruas recebiam os nomes dos seus moradores mais ilustres.

O mapa mais antigo de Belém data de 1640. Nele é possível identificar o nascimento dos bairros da Cidade (à direita) e da Campina (à esquerda) com os primeiros caminhos e a representação da simplicidade das edificações da época. No bairro da Cidade é possível observar o forte de Santo Cristo e as primeiras quadras de Belém. No bairro da Campina observa-se a ocupação da orla.

Ao final de seu primeiro século de existência, Belém contava com dois bairros de algumas poucas ruas e era alvo de desbravadores europeus que buscavam conquistar o território e dali extrair riquezas. Até o final do século XVII a cidade estava abandonada pela Coroa Portuguesa.



Fig. 5 – Prospecto de Belém

Por volta da metade do século XVIII, precisamente em 1755, a coroa portuguesa envia uma comissão de 16 técnicos para demarcação das fronteiras na região norte, da qual fazia parte o italiano Antônio Giuseppe Landi, designado como “Arquiteto Régio” para a região.

Assim, Landi foi o responsável pela transformação da paisagem construída de Belém durante o século XVIII, com a construção de igrejas, palácios e residências que hoje são monumentos nacionais, conforme pode ser visto neste prospecto da cidade de Belém.

1 Vídeo sobre Landi

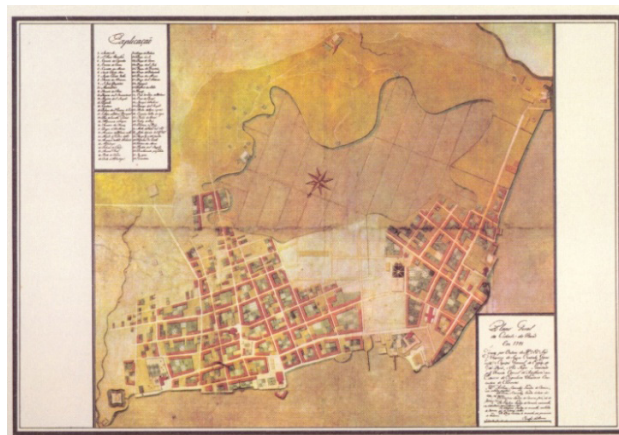


Fig. 6- Mapa de Belém de 1791

Este mapa de 1791 mostra que, ao final do século XVIII, Belém já tinha dois bairros consolidados: a Cidade e a Campina. Contudo, não podia se expandir, pois estava limitada pelo alagado do Piri.

Somente na virada para o século XIX, em 1803 o Piri foi aterrado e a cidade de Belém que se expandia e se adensava às margens do rio passa a crescer para o interior do continente.

PONTO DE INTERESSE: VER-O-PESO

O objetivo das imagens selecionadas sobre o complexo do Ver-o-peso é apresentar o patrimônio edificado e as práticas culturais que ali foram se constituindo ao longo do tempo, refletindo sobre o sentido de um lugar emblemático para compreender a cultura dos povos da Amazônia. Falar sobre o Ver-o-Peso é falar sobre o modo de vida da região, sobre a alimentação, os saberes, os fazeres e o imaginário amazônico.



Fig. 7 – Mercado de Ferro do Ver-o-Peso

4º AUDIO

Desde o início da construção de Belém a região onde hoje encontra-se o complexo do Ver-o-Peso já se mostrava com vocação para o comércio. Em 1653 foi construída a primeira casa da alfândega nas proximidades do atual Ver-o-Peso. Em 1688 foi criada a casa de Haver o peso. Em 1808 foi construída a doca do Ver-o-Peso. Em 1901 foram inaugurados o mercado de peixe (Mercado de Ferro) e o mercado de carne (Mercado Francisco Bolonha) pelo intendente Antônio Lemos.

Nesta imagem de meados dos século XX, temos o Mercado de Peixe cuja estrutura de ferro foi trazida da Europa.

Em 1977, todo o conjunto arquitetônico e paisagístico do Ver-o-Peso foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) incluindo o Boulevard Castilhos França, o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe, o casario, as praças do Relógio e Dom Pedro II, a doca de embarcações, a Feira do Açaí e a Ladeira do Castelo.

Em 2008, o IPHAN realiza o Inventário de Referências Culturais do Ver-o-Peso com o objetivo de identificar não apenas os monumentos, mas mergulhar no universo dos trabalhadores do Ver-o-Peso e seus ofícios.

Esta imagem mostra a doca do Ver-o-Peso ainda com o prédio da bolsa de valores (à esquerda), posteriormente demolido para dar lugar à Praça do Relógio.

A intensa movimentação de embarcações na doca do Ver-o-Peso vindas diariamente das ilhas nas proximidades de Belém é responsável pelo abastecimento de toda ordem de produtos ali comercializados. Nos mercados e bancas do Ver-o-Peso pode ser encontrada toda a diversidade da produção regional de peixes, mariscos, aves, frutas, ervas, verduras, óleos, artesanato, aguardente, farinhas, tucupi, maniva..... onde o beneficiamento de cada produto requer uma técnica específica. Sendo assim, no Ver-o-Peso também é possível encontrar uma diversidade de saberes e ofícios tradicionais.



Fig. 9 - Doca do Ver-o-Peso

Nesta imagem ainda é possível ver o quiosque que existia próximo ao mercado do Ver-o-Peso, hoje já demolido.



Fig. 10 - Vendedor de ervas no Ver-o-Peso

5º AUDIO:

O comércio de ervas, perfumes, garrafadas, óleos e outros produtos do gênero estão associados à conhecimentos tradicionais herdados de povos ancestrais. O conhecimento necessário para acessar as propriedades medicinais das ervas ou para extrair óleos é repassado de geração para geração nas famílias que recebem esse dom. Atualmente o setor das ervas no mercado do Ver-o-Peso conta com mais de 80 barracas, tendo movimento intensificado durante as festas de fim de ano e São João.



Fig. 8 – Doca do Ver-o-Peso



Fig. 11 – Venda de cachaça no Ver-o-Peso

Existiam muitos engenhos de produção de cachaça, principalmente na região de Abaetetuba. Essa imagem mostra a comercialização da aguardente durante os anos 50, aproximadamente. Atualmente os engenhos entraram em decadência, e está cada vez mais difícil comprar aguardente da região.



Fig. 12 – Venda de açai no Ver-o-Peso

A fruta do açai vinda das ilhas é vendida em paneiros na Feira do Açai abastecendo toda a região metropolitana de Belém. Nas barracas da praça de alimentação do Ver-o-Peso é possível fazer a refeição típica de Belém: açai com peixe frito.

Esta imagem mostra a negociação dos paneiros com açai na Feira do Açai em meados do século XX. Ainda hoje esta cena pode ser vista todas as manhãs no mesmo local.

Ponto de Observação: posicionado ao centro da Praça Frei Caetano Brandão

Ponto de Interesse: Praça Dom Frei Caetano Brandão



Fig. 13 - Vista da Praça Frei Caetano Brandão

Este registro da Praça Frei Caetano Brandão feito pelo fotógrafo alemão George Huebner mostra um conjunto arquitetônico já demolido e serve para pensar os efeitos das alterações da paisagem sobre a percepção do patrimônio edificado.

O aumento da altura das construções contemporâneas e a proliferação de prédios altos no centro histórico compromete a percepção dos monumentos.

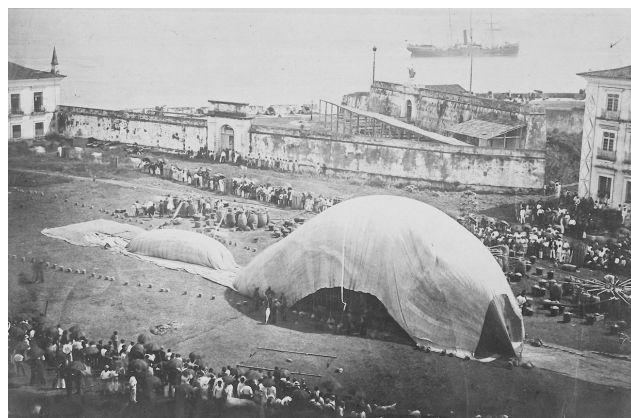


Fig. 14 – Imagem do Balão de Julio César na Praça Frei Caetano Brandão

6º ÁUDIO:

Em 1884, na Praça Frei Caetano Brandão, o paraense Júlio César Ribeiro de Souza tentou ascender seu grande balão, denominado *Santa Maria de Belém*.

O balão ficou armazenado vários meses na igreja da Sé enquanto Júlio César tentava angariar fundos para fazer a tentativa de ascensão. Mas não havia hidrogênio o bastante e o prefeito cedeu uma quantidade de gás de iluminação para inflar o invólucro, o que não foi suficiente para enchê-lo, muito menos para tirá-lo do chão.

A imagem também é um registro do muro do Forte do Castelo, demolido durante a última intervenção.

Ponto de Interesse: Casa das 11 janelas



Fig. 15 - Fachadas frontal e posterior da Casa das 11 janelas, antigo Hospital Real

Nesta imagem é possível ver a fachada frontal e posterior do imóvel que hoje abriga a Casa das 11 janelas.

Originalmente o edifício era a residência de Domingos Costa Bacelar. Porém havia a necessidade de ampliar o Hospital Militar que ficava dentro do Forte. Assim, no ano de 1769 Landi adaptou o imóvel para abrigar o novo Hospital Militar.

O edifício serviu de hospital até 1938, tendo abrigado também a Companhia de Guardas do Quartel General. Foi tombada pelo IPHAN em 17 de dezembro de 1964 e hoje é abriga o espaço cultural Cada das Onze Janelas.

3 vídeo



Fig. 16 - Imagem do Galpão (já demolido) anexo à casa das 11 janelas

Esta imagem é um registro do imóvel antes da intervenção para reabilitação do complexo Feliz Lusitânia. O galpão à esquerda da imagem foi demolido dando lugar à Praça da Esplanada

A demolição do galpão dando lugar à praça atendeu à uma demanda contemporânea da cidade por “janelas para o rio”, posto que a cidade foi crescendo e fechando a vista para o rio.



Fig. 17 - Museu de arte contemporânea do interior da casa das 11 janelas

Hoje, a Casa das 11 Janelas abriga Museu de Arte Contemporânea com ênfase nas décadas de 70 e 80. Conta com um acervo estimado em mais de 300 peças adquiridas pela FUNARTE, vindas também do Museu do Estado e de doações feitas pelo Banco Central.

Ponto de Interesse: Igreja da Sé



Fig. 18 - Imagem da Se de Leon Righini

Imagem de Leon Righini retratando a Igreja da Se. Entre 1617 e 1618, a igreja do forte foi transferida para o local onde se encontra hoje, sendo inicialmente construída em taipa. Passou por reformas em 1639 e 1653. Com a criação do bispado do Pará em 1719, a igreja de Nossa Senhora da Graça foi elevada à condição de catedral de Belém, porém, como estava em ruínas, suas funções foram transferidas temporariamente para a capela de São João Batista. A nova edificação teve início em 1748, sendo que em 1759 Landi atuou na decoração interna da igreja e na

conclusão de sua fachada e em 1782 a obra foi totalmente concluída. Na segunda metade do século XIX a reforma realizada por D. Macedo Costa altera o projeto de Landi.

4 vídeo

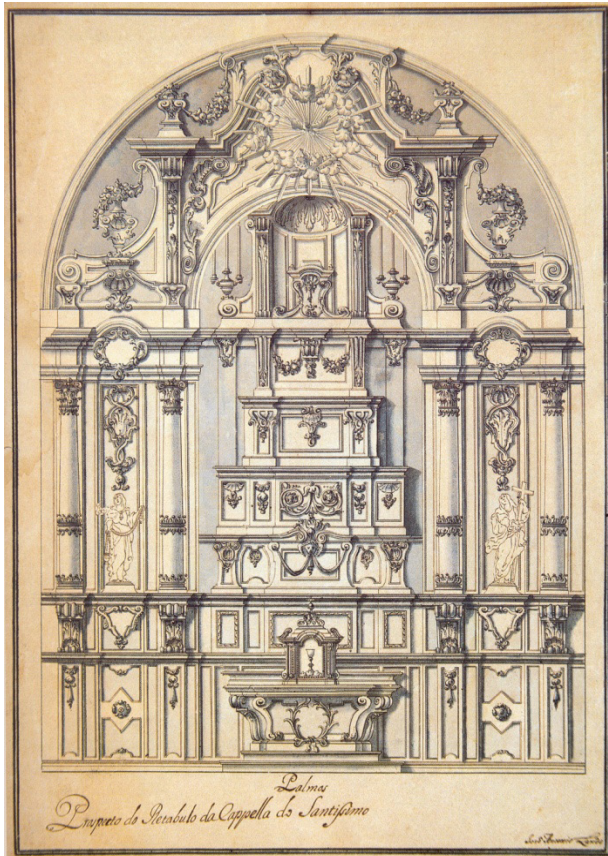


Fig. 19 - Desenho de autoria de Antonio Landi para o retábulo do Santíssimo da Igreja da Sé

Imagem do desenho de autoria de Antonio Landi com o projeto para o retábulo do Santíssimo na Igreja da Sé. Foi construído somente muito tempo depois de projetado. Durou até o século XIX, quando foi demolido e substituído pelo atual de mármore.

Os retábulos são painéis que ficam por trás dos altares e têm como função difundir mensagens com grande complexidade simbólica, configurando cenários para serem apreciados pelos fiéis.

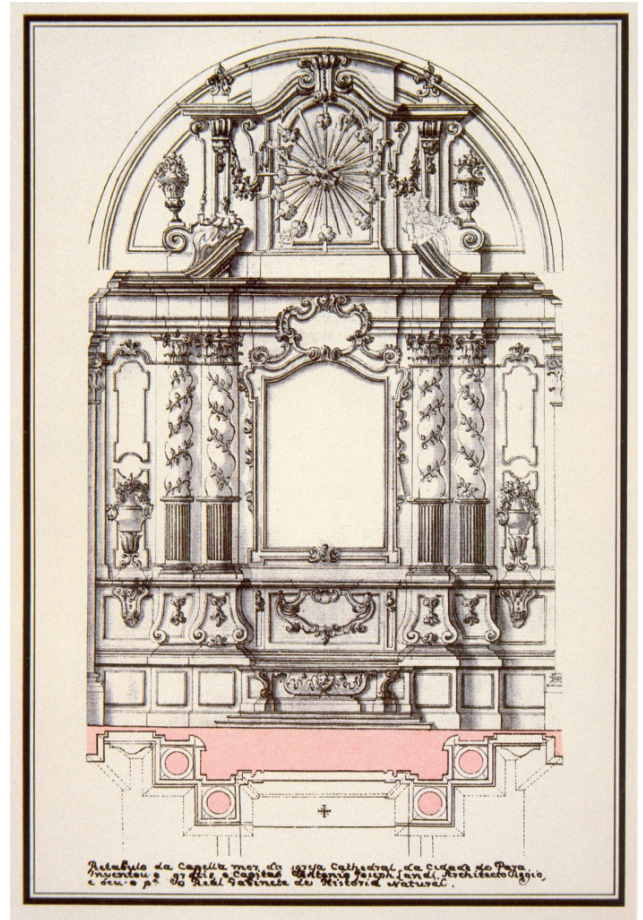


Fig. 20 - Desenho de autoria de Antonio Landi para o retábulo do altar-mor da Igreja da Sé

Imagem com o desenho do projeto de Landi para o retábulo do altar-mor da Igreja da Sé. Este desenho foi entregue pelo próprio artista a Alexandre Rodrigues Ferreira em 1784 para integrar o acervo do Real Gabinete de História Natural.

Foi construído, mas assim como o retábulo do Santíssimo, também de autoria de Landi, foi substituído no século XIX pelo atual retábulo em mármore.

Os retábulos são painéis que ficam por trás dos altares e têm como função difundir mensagens com grande complexidade simbólica, configurando cenários para serem apreciados pelos fiéis.



Fig. 21 – Imagem da sala dos pontificais da Catedral da Sé

Imagem feita Eduardo Kratzenstein da sala dos pontificais da Catedral da Sé por ocasião das exposições do acervo de arte sacra de meados do século XX.



Fig. 22 - Pintura do italiano Domenico de Angelis

Pintura do italiano Domenico De Angelis no forro da Igreja da Sé representando o bispo Dom Macedo Costa no pátio de um palácio oferecendo a Nossa Senhora o cumprimento da promessa que lhe fizera de ornar o templo. Entre nuvens estão os seus quatro antecessores que se destacaram na construção do templo.

Igreja de Santo Alexandre e Museu de Arte Sacra



Fig. 23 - Fotografia de Robert Smith da fachada de Santo Alexandre

Por volta do final do século XVII, a Companhia de Jesus decide construir o Colégio e a Igreja dedicada a São Francisco Xavier, sendo denominada mais tarde de Igreja de Santo Alexandre.

No final do século XVII foi construída uma igreja dedicada a São Francisco Xavier no terreno ao lado do Forte do Presépio, comprado do casal Gaspar Cardoso e Joana de Mello pelo padre João do Souto Maior. Tal edificação não resistiu por muito tempo e em 1670 teve início a obra que definiu a configuração interna desta igreja Jesuíta, sendo inaugurada em 1719. Devido sua proximidade com o Forte, foi atingida por bombardeios na época da Cabanagem, criando a necessidade de reparos. Durante o século XIX, foram realizadas algumas reformas que alteraram bastante suas formas originais. Em 1941 foi tombada pelo IPHAN.

O Museu de Arte Sacra foi criado no interior deste conjunto em 1998, com um acervo de 320 peças sacras, das quais 253 em exposição, provindas das coleções da própria Igreja e do Arcebisado, bem como da coleção de Abelardo Santos, composta de 200 peças adquiridas para integrar o conjunto quando da abertura do referido espaço.

Nesta fotografia de Robert Smith é possível observar a fachada do conjunto da Igreja de Santo Alexandre e Arcebisado por volta de meados do século XX.



Fig. 24 - Fotografia de Robert Smith do retábulo de Santo Alexandre

Ao entrar em uma igreja, um dos principais elementos que avistamos é o retábulo do altar principal, também chamado altar-mor. Os retábulos são painéis que ficam por trás dos altares e têm como função difundir mensagens com grande complexidade simbólica, configurando cenários para serem apreciados pelos fiéis.

No interior da Igreja de Santo Alexandre, o retábulo do altar-mor tem a expressão do Barroco realizado pelos Jesuítas na Amazônia logo no início na ocupação portuguesa.

Para confecção deste retábulo foi empregada mão-de-obra indígena treinada pelas oficinas dos jesuítas. Assim, os índios acabavam representando suas próprias feições nas figuras humanas que esculpam.

O atual desenho do forro em abóbada do altar-mor é de autoria do arquiteto Antonio Landi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do conteúdo foi apenas a primeira etapa do projeto. A próxima etapa será testar o aplicativo com alunos e professores do nível médio de uma escola pública de Belém, de acordo com a metodologia da educação patrimonial. Para esse treinamento também serão convidados os técnicos de educação patrimonial dos órgãos públicos (estadual e federal) responsáveis pela gestão do patrimônio cultural.

Sobre os desdobramentos do projeto, está prevista a ampla divulgação do aplicativo para as escolas, o que implica a disseminação do acervo de documentos do Fórum Landi sobre a História de Belém, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural local.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Coleção Estudos).
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GERVEREAU, Laurent. *Ver, compreender, analisar as imagens*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- TAVARES, Maria de Fátima Duarte; GASPAR, Anaiza Caminha; PEREIRA, Maria Nazaré. *Projeto sobre estudo e desenvolvimento de tecnologias de Realidade Aumentada (RA) para divulgação de conteúdos técnico-científicos e histórico-urbanísticos*. Brasília, IBICT, 2012.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA ELABORAÇÃO DAS FIGURAS

- BELÉM *da saudade*: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. Belém: Secretaria da Cultura, 1996.
- BREVE estudo sobre Antônio José Landi e suas obras. Belém: Secretaria da Cultura, 1987.
- CERTEAU M; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 2
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Unesp, 2001.
- CRUZ, E. *História das ruas de Belém*. Cidade Velha. Belém: CEJUP, 1970.
- _____ ; *Igrejas de Belém*. Belém: Prefeitura Municipal. 1974
- D'ANGELO, J. *Belém do Pará*. São Paulo: Hamburg, 1995.
- D'AZEVEDO, J.L. *Os jesuítas no Grão-Pará*. Belém: Secretaria da Cultura, 1999.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Museu Imperial, 1999.
- MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho. *Antonio Jose Landi. (1713/1791): um artista entre dois continentes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.
- PENTEADO, A.R. *Belém: estudo de geografia urbana*. Belém: UFPA, 1968. v.1 (Coleção Amazônia - Série José Veríssimo).
- REGO, O.L.M.M. *Calendário histórico de Belém (1616-1946)*. Belém: IHG; Fundação Cultural do Estado do Pará, 1979.
- REIS, N.G. *Imagens e vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: USP: FAPESP, 2000. (Série: Uspiana - Brasil 500 anos).
- RODRIGUES, H. (Org.). *Álbum do Pará*. Belém: [s.e], 1939.
- ROQUE, C. *Antônio Lemos e sua época*. Belém: Amazônia, 1973.
- SARGES, M.N. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.